



SEÇÃO: ESTUDOS BAKHTINIANOS CONTEMPORÂNEOS

## Palavra e gênero: um movimento dialógico orquestrado por plasticidade e coercitividade

*Word and Genre: a dialogical movement orchestrated by plasticity and coercivity*

*Palabra y Género: un movimiento dialógico orquestado por plasticidad y coercitividad*

**Adriana Danielski**

**Batista<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0001-8232-8226](https://orcid.org/0000-0001-8232-8226)

[adriana.danielski@riogrande.ifrs.edu.br](mailto:adriana.danielski@riogrande.ifrs.edu.br)

[www.ifrs.edu.br](http://www.ifrs.edu.br)

**Recebido em:** 27 abr. 2021.

**Aprovado em:** 7 dez. 2021.

**Publicado em:** 10 fev. 2022.

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo apresentar uma análise teórico-discursiva sobre o funcionamento da palavra e sua relação com o gênero em que figura, ressaltando a indissociabilidade dos aspectos plasticidade e coercitividade. De acordo com a teoria bakhtiniana, a palavra constitui uma arena onde a plasticidade se instaura, mas, ao mesmo tempo, é confrontada pela coercitividade do gênero. Registra-se, ainda, que existem variados níveis de plasticidade que perpassam a língua. Há gêneros mais coercitivos, que impõem à palavra um funcionamento discursivo mais estável, em que a coexistência de diferentes vozes sociais é coibida. Em contrapartida, existem gêneros extremamente plásticos, os quais propiciam maior mobilidade à palavra, que, por sua vez, imprime maleabilidade ao gênero. No entanto, mesmo que a palavra seja essencialmente plástica, seu funcionamento sempre é condicionado pelo gênero. Para demonstrar como esses pressupostos funcionam na materialidade concreta da língua, são apresentadas possíveis orientações para a análise sobre o funcionamento da palavra e sua íntima relação com o gênero, tendo como escopo teórico alguns dos conceitos filosóficos e linguísticos postulados por Bakhtin e seu Círculo.

**Palavras-chave:** Palavra. Gênero. Plasticidade. Coercitividade.

**Abstract:** This paper aims to present a theoretical-discursive analysis about the functioning of the word and its relation with the genre in which it is used, highlighting the inseparability of the aspects of plasticity and coercivity. According to Bakhtinian theory, the word constitutes an arena where plasticity is established, but, at the same time, it is confronted by the coercivity of the genre. It is also noted that there are various levels of plasticity in language constitution. In this regard, there are more coercive genres, which impose the word a more stable discursive condition, in which the coexistence of different social voices is restrained. However, there are extremely plastic genres, capable of providing greater mobility to the word, which, in turn, gives malleability to the genre. Still, even if the word is essentially plastic, its functioning is always conditioned by the genre. To show how these assumptions work in the concrete use of language, we present guidelines for the analysis of the functioning of the word and its intimate relation with discourse genres. To do so, we have as theoretical background some philosophical and linguistic concepts postulated by Bakhtin and the Circle.

**Keywords:** Word. Genre. Plasticity. Coercivity.

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo presentar un análisis teórico-discursivo sobre el funcionamiento de la palabra y su relación con el género en el que aparece, destacando los aspectos inseparables de plasticidad y coercitividad. Según la teoría bakhtiniana, la palabra constituye un escenario donde se establece la plasticidad, pero, al mismo tiempo, se enfrenta a la coercitividad del género. Aún, es posible registrar que existen diferentes niveles de plasticidad que impregnan



la lengua. Hay géneros más coercitivos, que imponen un funcionamiento discursivo más estable a la palabra, en los que se restringe la convivencia de distintas voces sociales. En cambio, existen géneros extremadamente plásticos, que otorgan mayor movilidad a la palabra, que, a su vez, imprime maleabilidad al género. Sin embargo, aunque la palabra sea esencialmente plástica, su funcionamiento siempre está condicionado por el género. Con el fin de demostrar cómo funcionan estos supuestos en la materialidad concreta del lenguaje, se presentan posibles orientaciones para el análisis sobre el funcionamiento de la palabra y su íntima relación con el género, teniendo como finalidad teórica algunas de las concepciones filosóficas y lingüísticas postuladas por Bakhtin y su círculo.

**Palabras clave:** Palabra. Género. Plasticidad. Coercitividad.

## Introdução

A comunicação tem sido pauta de muitas discussões atualmente, tendo em vista sua extrema importância no meio social. Há quem afirme, inclusive, que a boa comunicação pode garantir o sucesso pessoal e profissional. Porém, poucos questionam o que seria comunicar-se bem. Ler manuais com regras sobre comportamento verbal, que prometem desenvolver o poder de persuasão, bem como assistir a *lives*, em que "verdadeiros magos" da comunicação apontam formas quase mágicas de uso da língua, a fim de dar conta do mundo corporativo, como se o discurso fosse um produto mercadológico e estático, podendo ser manipulado individualmente, não são métodos que traduzem a realidade da comunicação tampouco garantem o desenvolvimento da competência discursiva das pessoas.

Cabe ressaltar que a comunicação ocorre efetivamente no fluxo das relações dialógicas (BAKHTIN, 2010). É pela alteridade que ela se estabelece, materializando-se no diálogo, em que distintas consciências interagem e tecem a malha sociológica do discurso. Ou seja, a língua adquire vida quando funciona como discurso, produzido por um autor, que estabelece juízo de valores, pontos de vista por meio de uma

tensa e ininterrupta relação de inúmeras vozes. Nesse sentido, o autor age como um criador que expressa sua posição ideológica sobre a vida através do discurso. De acordo com Volóchinov (2019a, p. 267, grifo do autor), "esse movimento progressivo da língua realiza-se no processo da comunicação do homem com o homem, comunicação esta que não é só produtiva, mas também *discursiva*".

Esse ponto de vista foi instaurado pelos autores pertencentes ao Círculo de Bakhtin.<sup>2</sup> Segundo Bakhtin (2010), as relações dialógicas perpassam toda e qualquer atividade humana. Portanto, o diálogo faz parte da essência do homem, do indivíduo social. Nessa perspectiva, a palavra desempenha um papel fundamental na comunicação e na vida, pois é por meio dela que o discurso se corporifica, sempre no interior de um gênero (BATISTA, 2015). A palavra possibilita o entendimento do homem sobre si próprio, sobre o outro e sobre o mundo. É na e pela palavra que o homem se constitui como sujeito por meio de um processo dialógico inacabável.

Ante tais considerações, o presente artigo objetiva<sup>3</sup> apresentar uma análise teórico-discursiva sobre o funcionamento da palavra e sua relação com gênero em que figura, ressaltando a indissociabilidade dos aspectos plasticidade e coercitividade. De acordo com a teoria bakhtiniana, a palavra constitui uma arena onde a plasticidade se instaura, mas, ao mesmo tempo, é desafiada pela coercitividade do gênero. Registra-se, ainda, que existem variados níveis de plasticidade que perpassam a língua. Há gêneros mais coercitivos, que impõem à palavra um funcionamento discursivo mais estável, em que a coexistência de diferentes vozes sociais é coibida. Em contrapartida, existem gêneros extremamente plásticos, os quais propiciam maior mobilidade à palavra, que, por sua vez, imprime maleabilidade ao gênero. No entanto, mesmo que a palavra seja essencialmente plástica, seu funcionamento sem-

<sup>2</sup> De acordo com Faraco (2009), o Círculo de Bakhtin constitui um grupo de intelectuais que se reuniu regularmente de 1919 a 1929. Esses estudiosos tinham atuações profissionais e interesses intelectuais variados. Os principais integrantes da área da linguagem são M. Bakhtin, V. N. Volóchinov e P. N. Medvedev. Ressalta-se que a denominação "Círculo de Bakhtin" nunca foi utilizada pelo grupo, uma vez que ela foi atribuída posteriormente por estudiosos das obras produzidas por seus integrantes.

<sup>3</sup> Este trabalho ampara-se na tese desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, sob autoria de Adriana Danielski Batista, intitulada *A leitura da palavra e a palavra na leitura: plasticidade e sentido*, defendida no ano de 2015.

pre é condicionado pelo gênero. A plasticidade se estabelece a partir da relação palavra *versus* gênero. Essa relação indica que a polivalência e a plasticidade da palavra devem adequar-se ao projeto enunciativo dos gêneros, em sintonia com as exigências contemporâneas da sociedade.

Para demonstrar como esses pressupostos funcionam na materialidade concreta da língua, serão apresentadas possíveis orientações para a análise sobre o funcionamento da palavra e sua íntima relação com o gênero, tendo como escopo teórico alguns dos conceitos filosóficos e linguísticos postulados por Bakhtin e seu Círculo. Assim, apontam-se aspectos discursivos que propiciam a plasticidade das palavras e o papel do gênero na construção dessa maleabilidade. É a análise dessa tensão discursiva, palavra *versus* gênero, que permite compreender a produção de sentidos no interior do discurso (BATISTA, 2015).

A fim de desenvolver a discussão proposta, o trabalho organiza-se em três seções, seguidas das considerações finais. Na primeira, é apresentada a orientação dialógica da palavra, contemplando, sobretudo, o aspecto da plasticidade. Na segunda seção, são registrados os traços gerais dos gêneros discursivos e o potencial coercitivo que os constitui. Na sequência, é realizado um exame detalhado do comportamento discursivo da palavra no interior do gênero, bem como do funcionamento do gênero no que tange à plasticidade das palavras que o compõem. Posteriormente, a última seção encerra o estudo proposto pelo texto, considerando, sempre, um acabamento estético, jamais um ponto final definitivo, uma vez que todo discurso é essencialmente inacabado, podendo ser reelaborado, ampliado e/ou atualizado a qualquer momento.

Dessa forma, acredita-se que uma discussão aprofundada sobre gênero, tendo como objeto de análise o funcionamento discursivo da palavra, pode contribuir para o desenvolvimento de metodologias de ensino eficazes no que tange ao aprimoramento da competência discursiva dos usuários da língua, ajudando estudiosos e pesquisadores a superar dificuldades referentes à compreensão e à produção de diferentes gêneros.

### Palavra: fenômeno ideológico por excelência

A língua na concepção bakhtiniana (VOLÓCHINOV, 2017, p. 174) não pode ser tomada como um sistema de normas rígidas e imutáveis. Pelo contrário, nessa ótica, a língua é flexível e variável, "apresenta-se como um fluxo de formação ininterrupto", em que as normas estão em constante transformação. A língua é constituída por signos ideológicos e não por sinais, uma vez que as formas linguísticas adquirem significação no contexto em que emergem, em uma dada situação concreta. Os signos são descodificados, enquanto os sinais são identificados, pressupondo estes uma entidade de conteúdo imutável. O processo de descodificação leva à compreensão da língua, e o processo de identificação ao mero reconhecimento de elementos linguísticos. A forma linguística se apresenta aos sujeitos no contexto de enunciações precisas, o que implica sempre um contexto ideológico preciso.

Segundo Volóchinov (2017), a língua, no seu uso prático, não pode ser separada de seu conteúdo ideológico ou relativo à vida. Se se considerar apenas a forma linguística vazia de ideologia, tem-se apenas sinais e não mais signos da linguagem. A língua como forma abstrata não possui existência objetiva, não tem vida, uma vez que não dá conta dos propósitos imediatos da comunicação humana. Para os agentes do discurso – locutor e interlocutor –, as formas linguísticas não têm valor como sinal rígido e inflexível, mas apenas como signo instável e flexível. Compreender uma língua é ultrapassar os limites do reconhecimento linguístico.

Dessa forma, uma língua só se torna uma língua quando as palavras são tomadas e entendidas como signos, providas de sentido e de vida. Enquanto se percebe o componente de sinalidade não há língua, há apenas o reconhecimento de itens linguísticos, como acontece no processo inicial de aquisição de uma língua estrangeira, quando ainda não houve apropriação da língua. Conforme já registrado neste trabalho, os elementos linguísticos e/ou a língua como sistema não têm sentido para o falante nativo.

Para ele, as palavras tomam forma e adquirem sentido a partir das enunciações proferidas na sua comunidade linguística. Enunciações que são produzidas por ele mesmo e por outros locutores. É assim que se assimila uma língua, por meio de uma prática viva e significativa. Ou seja, *"a palavra é o fenômeno ideológico par excellence"* (Volóchinov, 2017, p. 98, grifo do autor).

Ao atribuir o caráter axiológico à palavra, Volóchinov (2017, p. 99, grifo do autor) registra, ainda, que "a palavra não é apenas o mais representativo e puro dos signos, mas também um *signo neutro*", no sentido de que ela é vazia por si mesma (como forma apenas) e só adquire significado/valor na enunciação, no uso. "As palavras não são de ninguém, em si mesmas nada valorizam, mas podem abastecer qualquer falante e os juízos de valor mais diversos e diametralmente opostos dos falantes" (BAKHTIN, 2011, p. 290). Em consonância com as ideias do Círculo, Pereira e Brait (2020, p. 130, grifo dos autores) também percebem a palavra a partir da sua condição de signo ideológico.

Toda palavra, portanto, traz o potencial de neutralidade ideológico-valorativa. A depender da esfera de atividade humana, das condições de situação de interação, a palavra é atravessada pelas projeções e ressonâncias ideológico-valorativas destas. E são essas projeções e ressonâncias que dão vida à palavra, que dão vida a sua "multiacentuação" (VOLOCHÍNOV, 2017, p. 113). Com isso, toda palavra é caracterizada pela neutralidade semântico-ideológico-valorativa matizada pela esfera e pelas condições sociais da interação verbal, ou seja, toda palavra é "neutra" em relação à função ideológica, podendo assumir qualquer função ideológica de um dado enunciado. Assim, para cada situação de interação, no interior de uma dada esfera sociodiscursiva, a palavra pode receber diferentes cargas ideológicas, o que caracteriza sua *neutralidade*.

Como um dos principais membros do Círculo, Medviédev também considera o aspecto ideológico da palavra, pontuando que "O meio ideológico é a consciência social de uma dada coletividade, realizada, materializada e exterior-

mente expressa" (MEDVIÉDEV, 2012, p. 56). Para o autor, a consciência individual está intimamente ligada ao meio ideológico e se constitui nas formas da língua, do gesto convencional, da imagem artística, entre outras.

O homem social está rodeado de fenômenos ideológicos, de 'objetos-signo', dos mais diversos tipos e categorias: de palavras realizadas nas suas mais diversas formas, pronunciadas, escritas e outras; de afirmações científicas; de símbolos e crenças religiosas; de obras de arte e assim por diante. Tudo isso em seu conjunto constitui o meio ideológico que envolve o homem por todos os lados em um círculo denso. Precisamente nesse meio vive e se desenvolve a sua consciência. A consciência humana não toca a existência diretamente, mas através do mundo ideológico que a rodeia (MEDVIÉDEV, 2012, p. 56, grifo do autor).

Por isso, de acordo com a teoria bakhtiniana, a palavra é compreendida como instrumento de consciência, uma vez que constitui o meio pelo qual os sujeitos exprimem seus pensamentos e suas ideias, os quais são envoltos por um conteúdo ideológico e construídos no processo de interação social. "Esse papel excepcional da palavra como um meio da consciência determina o fato de que *a palavra acompanha toda a criação ideológica como seu ingrediente indispensável*. A palavra acompanha e comenta todo ato ideológico" (Volóchinov, 2017, p. 100, grifo do autor).

Portanto, a palavra se origina e se desenvolve no processo de socialização, na interação entre os indivíduos, e somente a partir desse processo é que ela é incorporada pelo sujeito e transforma-se em fala interior. Ou seja, a palavra é condicionada pelo meio social. Ela emerge do meio social para posteriormente ser integrada ao organismo individual. Por isso, a palavra é material responsável por refletir e refratar as diferentes relações sociais bem como as transformações (sociais) que se configuram a partir delas.

Em cada ato discursivo, a vivência subjetiva é eliminada no fato objetivo da palavra-enunciado dita; já a palavra dita, por sua vez, é subjetivada no ato de compreensão responsiva, para gerar mais cedo ou mais tarde uma réplica responsiva. Como já sabemos, toda palavra é um pequeno palco em que as ênfases sociais multidirecionadas se confrontam e entram em combate. Uma palavra nos lábios de um único

indivíduo é um produto da interação viva das forças sociais (VOLÓCHINOV, 2017, p. 140).

Cabe apontar que a palavra se relaciona com outros signos ideológicos, de caráter não verbal. Embora nenhum desses signos ideológicos possa ser inteiramente substituído por palavras, cada um deles se apoia nelas e é, ao mesmo tempo, acompanhado por elas. Segundo Volóchinov (2017, p. 121), "o discurso interior é entrelaçado por uma grande quantidade de movimentos dotados de uma significação sgnica. No entanto, a palavra é a base, o esqueleto da vida interior", uma vez que sua eliminação comprometeria bastante a atividade psíquica, enquanto a retirada de todos outros elementos expressivos a alterariam muito pouco.

Volóchinov (2017), ao tratar da palavra, ressalta o imenso papel histórico e ideológico conferido à palavra estrangeira no processo de formação das civilizações. A palavra estrangeira se comporta como um veículo gerador de cultura, que se manifesta nas diferentes esferas sociais, abrangendo desde a estrutura sociopolítica até o código de boas maneiras. Segundo o referido autor, esse papel organizador da palavra estrangeira impõe à consciência histórica dos povos a ideia de *poder*, de *força*, de *santidade*, de *verdade*, e leva muitos estudiosos a voltarem sua atenção sobre ela, como forma de apreender a verdadeira essência do mundo.

Assim, a palavra traduz a ideologia de uma cultura entendida como antiga e poderosa, que, por sua vez, escraviza a consciência de povos considerados inferiores. A palavra estrangeira estabelece certa aproximação com aquilo que Bakhtin (1998) chamou de *palavra autoritária*. Esta constitui a palavra reconhecida no passado. É a palavra religiosa, política, moral, dos pais, dos adultos, dos professores, que de alguma maneira exprime a ideia de autoridade e de hierarquia. "A palavra autoritária não se representa – ela apenas é transmitida" (BAKHTIN, 1998, p. 144), devido a sua rigidez semântica e a sua singularização aparente e afetada. Porém, ela pode ser portadora de diferentes conteúdos, tais como o autoritarismo, a autoridade, o tradicionalismo, o universalismo, o oficialismo, entre outros. Esse tipo de palavra

exige o reconhecimento incondicional por parte do sujeito, mas não uma compreensão e assimilação livre em suas próprias palavras.

Bakhtin (1998) também menciona a *palavra interiormente persuasiva*, que remete à assimilação da palavra alheia pelo sujeito a ponto de torna-se sua. De acordo com o autor, a palavra alheia se entrelaça com a palavra do sujeito em um processo em que a fronteira entre elas se torna quase imperceptível. Ela é comumente metade do sujeito, metade de outrem. A palavra interiormente persuasiva é reconhecida e assimilada, mas continua a se desenvolver livremente, adaptando-se ao novo material, às novas circunstâncias, aos novos contextos de produção. Sua estrutura (semântica) é inacabada, dinâmica, flexível, permanece aberta a novas possibilidades semânticas a cada novo uso.

Registra-se, ainda, que a palavra produtiva do outro engendra dialogicamente em resposta uma nova palavra do sujeito (BAKHTIN, 1998). Desse modo, compreender requer a apreensão de uma palavra a partir de um processo ativo e responsivo. O sentido de uma palavra não está dado, fixado na forma linguística, mas é construído pelos interlocutores durante o ato enunciativo. O locutor ao lançar uma palavra ao seu interlocutor realiza projeções em relação ao que é proferido, responde a discursos anteriores, bem como antecipa respostas futuras. O interlocutor, por sua vez, atribui *contrapalavras* ao dizer do locutor, ou seja, responde, ressignifica, acrescenta algo em relação ao discurso posto pelo locutor. A compreensão ativa e responsiva ocorre por meio de um processo mútuo entre os sujeitos do discurso, no sentido em que eles respondem à palavra enunciada e, ao mesmo tempo, se responsabilizam pelo que dizem. Os sujeitos, ao se inter-relacionarem, imprimem à palavra uma entoação específica, evidenciando que "Apenas a corrente da comunicação discursiva atribui à palavra a luz da sua significo" (VOLÓCHINOV, 2017, p. 233).

De acordo com a teoria bakhtiniana (BAKHTIN, 2011, p. 294), a palavra existe para o falante sob três aspectos: *palavra na língua*: é a palavra sem referência à realidade concreta, não pertence a

nenhum sujeito; *palavra alheia*: é a palavra de outrem, banhada de ressonâncias de outros enunciados; *minha palavra*: é a palavra usada pelo locutor numa dada situação concreta, impregnada de expressividade. No caso dos dois últimos aspectos, a palavra se revela expressiva, mas tal expressividade não remete à palavra propriamente dita: ela nasce da relação entre a palavra e o contexto real de uso. Conforme o anteriormente registrado, todo discurso é repleto de palavras de outrem, as quais revelam sua expressividade, seu acento de valor, que é assimilado, reelaborado e/ou reavaliado pelo sujeito, retratando o caráter essencialmente dialógico da palavra e da língua. Volóchinov (2017, p. 233, grifo do autor) afirma:

Qualquer palavra realmente dita não possui apenas um tema e uma significação no sentido objetivo, conteudístico dessas palavras, mas também uma avaliação, pois todos os conteúdos objetivos existem na fala viva, são ditos ou escritos em relação à certa ênfase valorativa. Sem uma ênfase valorativa não há palavra.

Pode-se mencionar ainda o fato de que sobre/na palavra atuam forças centrípetas e forças centrífugas. No ensaio intitulado "O Discurso no Romance" (1998), em *Questões de Literatura e Estética*, Bakhtin afirma que as forças centrípetas tendem à unificação do sentido, como se cada palavra exprimisse apenas um significado, enquanto as forças centrífugas tendem à desunificação, ao plurilinguismo social e histórico, característica própria de toda e qualquer palavra que pertença a uma língua viva. Em realidade, a centralização verbo-ideológico caminha ao lado da estratificação e da descentralização do sentido da palavra. As forças centrípetas e centrífugas cruzam-se no interior da palavra.

Considerando a abordagem dialógica conferida à palavra, compreende-se que ela figura como um elemento polissêmico e plurivocal, em que os sentidos se estabelecem conforme a situação enunciativa concreta. A cada uso, imprime-se à palavra determinado(s) sentido(s). Portanto, a palavra é essencialmente plástica. Essa flexibilidade semântica perpassa todo ato discursivo. De acordo com tal perspectiva, plasticidade

remete à capacidade que uma dada palavra possui de desempenhar diferentes funções ideológicas, absorver distintas entoações avaliativas, fazendo com que uma mesma forma comporte diferentes sentidos. No fluxo da vida, a palavra ancora diferentes vozes sociais, suscitadas na interação verbal. Para Bakhtin (2010, p. 223), "As palavras do outro, introduzidas na nossa fala, são revestidas inevitavelmente de algo novo, da nossa compreensão e da nossa avaliação, isto é, tornam-se bivocais".

Entende-se que em todo e qualquer enunciado, que tem existência a partir da interlocução entre sujeitos, há uma interação de diversas vozes, em que a compreensão de uma voz leva à compreensão de outra e assim sucessivamente. O acesso aos sentidos postos em circulação no discurso se dá por meio do desvelamento dessa teia de vozes, a qual é engendrada na palavra. Ou seja, para a compreensão de um enunciado, faz-se necessário observar as vozes que coadunam no material verbal, evidenciando, assim, o caráter plurivocal e dialógico da língua. Ao afirmar que "A concordância-discordância ativa estimula e aprofunda a compreensão, torna a palavra do outro mais elástica e mais pessoal, não admite dissolução mútua e mescla" (BAKHTIN, 2011, p. 378), o pensador russo endossa, de certa forma, a ideia de que a plasticidade é uma característica constitutiva da palavra.

Ressalta-se que a plasticidade da palavra e a conseqüente mobilidade impressa por ela aos gêneros está condicionada a diversos aspectos discursivos. O discurso é constituído em um espaço onde plasticidade e coercitividade se confrontam mutuamente. Desse modo, a palavra organiza e (re)elabora a vida, sempre no interior de um gênero. Não se pode entender a palavra fora do gênero, pois ela reflete as formas de dizer relativamente estáveis de cada esfera da atividade social. Para tanto, a próxima seção apresenta a definição de gênero discursivo, proposta por Bakhtin e seu Círculo, bem como discorre sobre os demais aspectos que o compõem, incluindo o potencial coercitivo.

## Gênero: formas de dizer multifacetadas e relativamente estáveis

Segundo a perspectiva adotada pelo Círculo, a verdadeira substância da língua é constituída pelo fenômeno social da interação verbal e se realiza através da enunciação. Toda enunciação, toda expressão têm como centro organizador não o interior, mas sim o exterior. Está situado no meio social que envolve o indivíduo.

Logo, o uso da linguagem perpassa todos os campos da atividade humana, como observa Bakhtin (2011). A língua é empregada sob forma de enunciados concretos e únicos que refletem as condições específicas e as finalidades de cada campo de comunicação. Sendo assim, os locutores, ao enunciarem, o fazem por meio de gêneros do discurso. O teórico russo considera os gêneros discursivos como "*tipos relativamente estáveis de enunciados*" (BAKHTIN, 2011, p. 262, grifo do autor). Os gêneros surgem das necessidades comunicativas dos sujeitos e estão diretamente relacionados às diferentes situações sociais. As distintas esferas da atividade social determinam os gêneros discursivos. Conforme Sobral (2009, p. 121, grifo do autor),

as esferas de atividade são "regiões" de recorte sócio-histórico-ideológico do mundo, lugar de relações específicas entre sujeitos, e não só em termos de linguagem. São dotadas de maior ou menor grau de estabilização a depender de seu grau de formalização, ou institucionalização, no âmbito da sociedade e da história, de acordo com as conjunturas específicas. Assim esfera deve ser entendida como a versão bakhtiniana marxista de "instituição", ou seja, uma modalidade sócio-histórica relativamente estável de relacionamento entre os seres humanos. A esfera vai das relações de intimidade familiar ao aparato institucional do Estado, passando por circunstâncias como as que tornam possíveis comentários casuais que desconhecidos fazem um para o outro na rua sobre diversos assuntos cotidianos.

Tais esferas, ao empregarem efetivamente a língua, o fazem por meio da elaboração de um gênero, com características temáticas, composicionais e estilísticas próprias. "O conteúdo temático, o estilo, a construção composicional estão indissoluvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificida-

de de um determinado campo da comunicação" (BAKHTIN, 2011, p. 262). O conteúdo temático, o tema, pode adquirir diferentes sentidos a partir do recorte estabelecido em um determinado gênero discursivo. A forma composicional, por sua vez, é o modo como se organizam as escolhas realizadas. Constitui a organização do gênero, a estrutura: como o locutor compõe o título, como estrutura a introdução, por exemplo.

No momento em que o locutor organiza, estrutura o discurso – forma composicional – também realiza escolhas (palavras, formas de estruturar os enunciados), que apontam para o estilo. A forma composicional dos gêneros possui aspectos recorrentes, reconhecidos por determinados campos da atividade humana. Porém, esta forma não é fixa, ela possui uma estabilidade relativa, pois o estilo do locutor dá singularidade ao gênero. Ou seja, por mais que um gênero apresente características e elementos recorrentes, ele sempre sofrerá alteração na sua estrutura e composição, uma vez que os sujeitos ao produzirem discurso sempre operam mudanças, acrescentam novos elementos e novos aspectos.

Em vista disso, os gêneros fazem parte de um sistema dinâmico e complexo de estilos. Assim, "tanto os estilos individuais quanto os da língua satisfazem aos gêneros do discurso" (BAKHTIN, 2011, p. 268). A articulação entre o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional é que revela aspectos do gênero e, consequentemente, o constitui. A grande diversidade dos gêneros se constitui pelas infinitas e inesgotáveis possibilidades de utilização da palavra e da língua. Há uma forma comum, mas ela não é estática, uma vez que os indivíduos, ao interagirem verbalmente, sempre transformam a estrutura discursiva, acrescentam algo novo. E qualquer mudança na interação verbal gerará mudança no gênero. É a enunciação que define a forma. Isso justifica a heterogeneidade dos gêneros discursivos, que abarca desde o diálogo cotidiano até a tese científica.

A abordagem dialógica da língua compreende o gênero sempre no fluxo da vida; ele comporta e materializa determinada realidade. Essa in-

ter-relação, gênero – realidade, é considerada de extrema importância por Medviédev. Para o autor, os atos discursivos (enunciados) e suas formas (gêneros discursivos) orientam o homem na realidade, portanto,

É possível dizer que a consciência humana possui uma série de gêneros interiores que servem para ver e compreender a realidade. Dependendo do meio ideológico, uma consciência é mais rica em gêneros, enquanto outra é mais pobre. A literatura ocupa um lugar importante nesse meio ideológico. Assim como as artes plásticas ensinam o nosso olho a ver, aprofundam e ampliam a área de visão, da mesma forma os gêneros literários bem consolidados enriquecem nosso discurso interior com os novos procedimentos de tomar consciência e compreender a realidade (MEDVIÉDEV, 2012, p.198).

Ainda em relação aos gêneros, Bakhtin (2011) os classifica em primários e secundários, ressaltando que a diferença não se ancora na funcionalidade, mas sim na complexidade das formas de comunicação em relação às esferas em que circulam. Os gêneros primários são considerados simples por serem constituídos em condições de comunicação imediata. Já os gêneros secundários são tomados como complexos por surgirem em condições de interação cultural mais complexa e relativamente mais desenvolvida e organizada, como a carta oficial e o texto científico.

Outro aspecto relevante em relação aos gêneros do discurso é o estilo que reflete a subjetividade do locutor, caracterizando-se como estilo individual.

No fundo os estilos de linguagem ou funcionais não são outra coisa senão estilos de gênero de determinadas esferas da atividade humana e da comunicação. Em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de cada campo; e a esses gêneros que correspondem determinados estilos. Uma determinada função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis. O estilo é indissociável de determinadas unidades temáticas e – o que é de especial importância – de determinadas unidades composicionais: de determinados tipos de construção do conjunto, de tipos do seu acabamento, de tipos da relação do falante com outros participantes da

comunicação discursiva – com os ouvintes, os leitores, os parceiros, o discurso do outro, etc. O estilo integra a unidade de gênero do enunciado como seu elemento (BAKHTIN, 2011, p. 266).

Porém, há alguns gêneros que são menos favoráveis ao reflexo da individualidade na linguagem, o que acaba resultando em um estilo verbal em que há a exigência de uma forma padronizada (o gênero deve obedecer a formas gramaticais específicas), como é o caso de alguns documentos oficiais. Nesses gêneros, a coercitividade, tendência à materialização estável das formas de dizer, se mostra mais explícita. De acordo com a perspectiva bakhtiniana, para se realizar de maneira mais acabada seu projeto de discurso, o falante deve considerar, além das formas da língua, as formas de enunciados, a saber, os gêneros do discurso. Para Bakhtin (2011), é necessário dominar bem os gêneros a fim de aplicá-los livremente.

Os gêneros do discurso, comparados às formas da língua, são bem mais mutáveis, flexíveis e plásticos; entretanto, para o indivíduo falante eles têm significado normativo, não são criados por ele mas dados a ele. Por isso um enunciado singular, a despeito de toda a sua individualidade e do caráter criativo, de forma alguma pode ser considerado uma combinação absolutamente livre de formas da língua [...] (BAKHTIN, 2011, p. 285).

Conforme já evidenciado, os gêneros discursivos são bastante diversificados, e essa heterogeneidade pode também ser determinada pela influência de forças centripetas ou de forças centrífugas. Aqueles que se apresentam de forma mais plástica acabam por ser dominados por um discurso em que a dialogicidade é mais aparente, uma vez que forças centrífugas atuam de modo a descentralizar os sentidos e a própria estrutura formal. Esses gêneros absorvem diferentes apreciações, uma vez que refletem e refratam inúmeros pontos de vista.

Já os gêneros mais rígidos, influenciados por forças centripetas, tendem a um discurso monológico, em que há a tentativa de apagar as diversas vozes que permeiam as palavras, o discurso. O discurso monológico procura refletir os



acentos em uma só voz. Ele faz ressoar a voz de uma única consciência; abafa, sufoca as demais a fim de tornar o discurso compacto e universal, fechado em si mesmo.

Contudo, destaca-se que todo e qualquer discurso é influenciado por ambas as forças – centrípetas e centrífugas. Há discursos em que o diálogo entre as diversas vozes sociais são mais aparentes do que em outros, os quais procuram velar a dialogicidade própria de todo e qualquer discurso. Não há discurso sem diálogo. Ao compor um discurso, o sujeito o faz com o objetivo de responder a um outro, anteriormente proferido, bem como de suscitar uma resposta posterior.

Ao se tratar de gênero discursivo, deve-se considerar também o componente não verbal da linguagem. Volóchinov (2017, p. 220) revela que "[...] a comunicação verbal é sempre acompanhada por atos sociais de caráter não discursivo", devido ao vínculo estabelecido com a situação concreta – enunciação, e que muitas vezes ela (comunicação verbal) atua como complemento, desempenhando um papel auxiliar, porém, ao mesmo tempo, fundamental para a compreensão do sentido. O aspecto não verbal é constitutivo dos gêneros discursivos. Os gêneros se estabelecem a partir de uma relação sócio-histórico-dialógica e estão diretamente vinculados à cultura.

Para tanto, a escolha do gênero é realizada a partir do projeto discursivo do locutor, que antevê, projeta um interlocutor. As palavras endereçadas ao outro são articuladas de maneira responsiva e compõem determinado gênero, considerando sempre a percepção que se tem do destinatário. O gênero será moldado a partir da relação estabelecida entre o locutor e seu interlocutor, e essa relação determinará a entonação expressiva das palavras no interior do gênero. Nesse sentido, Bakhtin (2011, p. 301) afirma que "cada gênero do discurso em cada campo da comunicação discursiva tem a sua concepção típica de destinatário que o determina como gênero".

Ao analisar a poética, Medviédev propõe que ela seja compreendida a partir do gênero, que, segundo ele, "[...] é uma forma típica do todo da obra, do todo do enunciado. Uma obra só

se torna real quando toma a forma de determinado gênero. O significado construtivo de cada elemento somente pode ser compreendido na relação com o gênero" (MEDVIÉDEV, 2012, p. 194). Em seguida, o autor diz que a unidade temática da obra deve transcender a língua.

A unidade temática da obra e seu lugar real na vida unem-se, de forma orgânica na unidade dos gêneros. É no gênero que se realiza mais nitidamente aquela unidade entre a realidade efetiva da palavra e seu sentido [...]. A compreensão da realidade realiza-se com a ajuda da palavra efetiva, palavra-enunciado. As formas determinadas da realidade da palavra estão ligadas a certas formas da realidade que a palavra ajuda a compreender. Na poesia, essa ligação é orgânica e multilateral, por isso, nela é possível um acabamento efetivo do enunciado. O gênero é a unidade orgânica entre o tema e o que está além dos seus limites (MEDVIÉDEV, 2012, p. 197).

Por isso, não se pode compreender o funcionamento discursivo da palavra sem se considerar o gênero em que ela figura, bem como é impossível observar o gênero fora do contexto de uma determinada esfera da comunicação social. Há gêneros que permitem um funcionamento mais plástico à palavra. Porém, há aqueles que resistem à mobilidade da palavra, uma vez que são mais coercitivos, impõem um direcionamento semântico menos plurivocal. Assim, compreender o fluxo real do discurso requer o entendimento da relação indissociável entre palavra e gênero, que, por sua vez, constitui uma arena onde a plasticidade é desafiada pela coercitividade, aspectos discutidos a seguir.

### Palavra e gênero na arena discursiva: plasticidade versus coercitividade

O percurso teórico desenvolvido ao longo das seções anteriores evidencia a importância do gênero no que tange ao funcionamento discursivo da palavra e como essa relação indissociável é determinada pelo embate discursivo entre plasticidade e coercitividade. Assim, destaca-se, mais uma vez, que a plasticidade do gênero é materializada pela plasticidade da palavra. Se a palavra se comporta no interior do gênero com maior mobilidade semântica, ele, consequente-

mente, se mostrará mais plástico. Os locutores, ao enunciarem, imprimem certa plasticidade às palavras por meio de gêneros. Assim, muitas vezes, um gênero mais rígido, como uma ata, por exemplo, se comporta de forma mais plástica.

Porém, os gêneros, por sua vez, impõem determinado funcionamento discursivo às palavras, mas não se submetem totalmente a elas. Todo gênero possui um potencial coercivo, uma vez que é "determinado pelo objeto, pelo fim e pela situação do enunciado" (BAKHTIN, 2011, p. 389). Os gêneros, assim como a língua, estão a serviço de seus usuários. São os locutores que permitem maior ou menor maleabilidade aos gêneros, por meio do uso efetivo da palavra como enunciado. "Não se vai do objeto à palavra, mas da palavra ao objeto, a palavra cria o objeto" (BAKHTIN, 2011, p. 390).

Assim, o presente artigo busca apresentar uma análise teórico-discursiva sobre o comportamento da palavra no interior do gênero em que transita, partindo de conceitos colocados pelo Círculo de Bakhtin, os quais permitem compreender como os sentidos são construídos na materialidade concreta do discurso. Para tanto, são consideradas as seguintes noções que subsidiam a análise: forma (material linguístico e translinguístico), situação enunciativa (quem fala? para quem? sobre o que fala? com que projeto enunciativo?), contexto de produção (aspecto extraverbal), alteridade (entre interlocutores e entre as palavras), entonação (acentos apreciativos impressos no e pelo discurso), ideologia (pontos de vista suscitados por meio do material verbal e extraverbal), reflexo/refração (o discurso reflete e refrata ideias referentes a enunciados já preferidos), forças centrípetas/forças centrífugas (luta ininterrupta entre a unificação e a descentralização do sentido do discurso). Cabe salientar que os gêneros são considerados uma forma de ação social indissociavelmente relacionada aos conceitos que perpassam a palavra e condicionam o seu sentido, demonstrando, assim, o caráter essencialmente dialógico e ideológico da língua.

De acordo com a orientação dialógica, a palavra não é considerada um elemento abstrato,

uma unidade do sistema da língua, mas sim enunciado, que compreende "um elo na cadeia da comunicação discursiva" (BAKHTIN, 2011, p. 300). O sujeito ao selecionar as palavras para compor sua enunciação, seu discurso, as carrega de acento valorativo, pois a palavra funcionando na vida possui um teor expressivo, que revela a posição responsiva do locutor em relação ao objeto do dizer e ao outro da interlocução.

Falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas de construção do todo. [...] Até mesmo no bate-papo mais descontraído e livre nós moldamos o nosso discurso por determinadas formas de gênero, às vezes padronizadas e estereotipadas, às vezes mais flexíveis, plásticas e criativas (a comunicação cotidiana também dispõe de gêneros criativos) (BAKHTIN, 2011, p. 282).

Bakhtin (2011) reforça a importância dos gêneros discursivos ao afirmar que é por meio deles que os sujeitos adquirem a língua. A assimilação das formas da língua ocorre apenas nas formas dos enunciados e juntamente com elas. Para tanto, "as formas da língua e as formas típicas dos enunciados, isto é, os gêneros do discurso, chegam à nossa experiência e à nossa consciência em conjunto e estreitamente vinculadas" (BAKHTIN, 2011, p. 283). Todo discurso é construído em forma de gêneros. A língua se manifesta por meio dos gêneros, a qual tem como base a palavra, onde se entrecruzam uma série de vozes discursivas. Tais vozes constituem o gênero e sua entonação expressiva, que, por sua vez, é compreendida por Volochinov (2019b, p. 255) como "aumento ou diminuição do volume da voz, que expressa nossa relação com o objeto do enunciado (de alegria, de tristeza, de surpresa, de questionamento etc)".

De acordo com o escopo sociológico, a palavra é tecida por dois fios semânticos, a saber, significado e sentido. A significação é base semântica da palavra, é o que permite que ela seja entendida em diversos contextos, mesmo que em cada um deles ela adquira um teor (semântico) diferente. O sentido é dado a partir da significação, necessita dela para se constituir. A palavra ao ser usada na vida parte da significação, posta na língua, porém

ela é atingida por outros aspectos discursivos; ela é impregnada de certas entonações expressivas, determinadas pelo contexto e pela relação locutor-interlocutor. Tal dimensão discursiva é apontada por Volóchinov no ensaio intitulado "A palavra na vida e na poesia: para uma poética sociológica".

[...] mesmo quando existe esse contexto verbal mais próximo, que é suficiente de todos os pontos de vista, a entonação de qualquer modo nos levará para fora dos seus limites: é possível entendê-la por completo apenas ao conhecer as avaliações do grupo social em questão, por mais amplo que ele seja. A entonação sempre está no limite entre o verbal e o extraverbal, entre o dito e o não dito. E antes de mais nada, o falante entra em contato com os ouvintes justamente por meio da entonação: a entonação é social par excellence. Ela é especialmente sensível em relação a todas as oscilações do ambiente social que circunda o falante. Volóchinov (2019c, p. 123, grifo do autor)

Portanto, a entonação constitui a marca ideológica impressa pelos interlocutores a todo e qualquer ato enunciativo. As palavras e os gêneros exalam ideologia, revelam pontos de vista e apreciações sociais. De acordo com a Análise Dialógica do Discurso, ideologia é compreendida como pontos de vista construídos pelos sujeitos a partir da interação estabelecida por eles no meio social. Remete às avaliações axiológicas, as quais são elaboradas e condicionadas pelo horizonte social e acompanham todos os atos, gestos e enunciados de cada locutor. "Cada campo possui sua função específica na unidade da vida social" (VOLÓCHINOV, 2017, p. 94). Fazendo eco às palavras de Bakhtin, Volochínov (2019b, p. 243) conceitua ideologia como "todo o conjunto de reflexos e refrações no cérebro humano da atividade social e natural, expressa e fixada pelo homem na palavra, no desenho artístico e técnico ou em alguma outra forma signica".

Os estudos conduzidos pelo Círculo consideram o reflexo e a refração como constituintes do discurso, uma vez que a palavra enunciada pelo locutor já foi usada por outro sujeito, em um outro contexto. Dessa forma, o sentido de dada palavra carrega o sentido já colocado anteriormente por outro, ao mesmo tempo que o refrata, operando uma significativa mudança de sentido. O sentido

de uma palavra nunca é totalmente novo, uma vez que nela habitam, de certa forma, vozes sociais já postas, que remete ao processo de reflexo; porém, cada vez que a palavra é usada, sofre alterações semânticas, ou seja, o locutor imprime seu ponto de vista, sua ideologia, indicando novas possibilidades de interpretação a ela, o que evidencia o processo de refração. Assim, o Círculo entende que

no processo de referenciação, realizam-se, portanto, duas operações simultâneas nos signos: eles refletem e refratam o mundo. Quer dizer: com os signos podemos apontar para uma realidade que lhes é externa (para a materialidade do mundo), mas fazemos sempre de modo refratado. E refratar significa, aqui, que com nossos signos nós não somente descrevemos o mundo, mas construímos – na dinâmica da história e por decorrência do caráter sempre múltiplo e heterogêneo das experiências concretas dos grupos humanos – diversas interpretações (refrações) desse mundo (FARACO, 2009, p. 50-51, grifo do autor).

Pontua-se, ainda, como elementos determinantes do sentido das palavras o contexto de produção, que remete ao componente extraverbal e se configura no interior de uma dada esfera de atividade humana, e a situação enunciativa. Dessa forma, o locutor precisa reconhecer o seu papel social ante o interlocutor, identificar o projeto de dizer para, posteriormente, mobilizar um gênero específico que comporte a situação discursiva. Segundo Volóchinov (2019b, p. 243, grifo do autor), "Situação (em francês *la situation*) significa o conjunto de circunstâncias e condições de algo que acontece. Na maioria das vezes, ela é empregada para significar as inter-relações entre as pessoas [...]". Nessa perspectiva, Bakhtin (2011) revela que a diversidade dos gêneros é estabelecida em função da situação, da posição social e das relações pessoais de reciprocidade estabelecidas entre os sujeitos do discurso. Ressalta, ainda, que há formas de gêneros mais elevadas, dotadas de um rigor oficial e respeitoso, se comparadas às formas familiares, considerando, sobretudo, que há diferentes graus de familiaridade e de formas íntimas, o que reforça o embate discursivo entre plasticidade e coercitividade.

Esses gêneros, particularmente os elevados, oficiais, possuem um alto grau de estabilidade e coação. Ai, a vontade discursiva costuma limitar-se à escolha de um determinado gênero, e só leves matizes de uma entonação expressiva (pode-se assumir um tom mais seco ou mais respeitoso, mais frio ou mais caloroso, introduzir a entonação de alegria, etc) podem refletir a individualidade do falante (a sua ideia discursivo-emocional) (BAKHTIN, 2011, p. 284).

Outro aspecto que compõe o discurso é a alteridade, a qual pode ocorrer tanto entre sujeitos, propriamente ditos, como nas relações de persuasão e de interpretação que se estabelecem no texto. A consciência dos indivíduos se funda na interação e no convívio entre diversas consciências. Em vista disso, "Uma coletividade possuidora de percepção ideológica cria formas específicas de comunicação social" (MEDVIÉDEV, 2012, p.53). Registra-se, também, que cada consciência deve considerar e respeitar os pontos de vista estabelecidos nesse grande diálogo que constitui o discurso, ou seja, a língua em funcionamento. Assim, a palavra do *eu* só adquire sentido quando se relaciona com a palavra do *outro*. Ela é proferida já com o objetivo de suscitar outra palavra, resposta por parte do outro. A comunicação é repleta de relações dialógicas. É o diálogo que proporciona a relação entre diversas vozes, as quais são percebidas e evidenciadas no interior das palavras. Sobre a alteridade e suas conseqüentes reverberações na vida social, Volóchinov propõe o seguinte:

Qualquer fenômeno da realidade, qualquer situação, ao despertar no homem uma reação orgânica, normalmente também gera um discurso interior, que facilmente se transforma em discurso exterior.

O discurso interior e o discurso exterior são igualmente orientados para o "outro", para o "ouvinte". Tanto aquele que pronuncia a palavra quanto o ouvinte são participantes conscientes do acontecimento do enunciado e ocupam nele posições autônomas (VOLÓCHINOV 2019b, p. 265, grifo do autor).

Além disso, pode-se também estabelecer uma analogia entre significação e forças centripetas, e uma outra entre sentido e forças centrífugas. A significação

remete à unificação, ao entendimento monológico da palavra. Já o sentido aponta para a desunificação, para a descentralidade semântica da palavra. O diálogo entre significação e sentido é essencial para a constituição da palavra como enunciado, evento único e real da comunicação discursiva, que dá resposta a algo anteriormente posto ao mesmo tempo que exige um retorno, uma resposta.

Também é importante destacar que, de acordo com o gênero mobilizado, a palavra pode adquirir uma configuração mais, ou menos, plástica. É o gênero que permite à palavra a absorção de diferentes sentidos. Porém, por mais coercitivo que o gênero se apresente, ele não pode impor um único direcionamento semântico à palavra, pois esta sofre a pressão de forças centrífugas, que aos poucos vão impondo novos sentidos e, inclusive, modificam a forma do gênero.

Tais apontamentos evidenciam que a plasticidade é um aspecto inerente à língua; ela perpassa todo e qualquer gênero discursivo, mesmo aqueles que apresentam uma forma mais coercitiva, aparentemente menos flexível (BATISTA, 2015). Os gêneros são plásticos porque não se submetem às regras da língua normativa, que impõe estabilidade ao discurso. Contrariamente, operam com elementos da língua viva; é a palavra viva e repleta de expressividade que elabora diferentes formas de gêneros. Essas formas são determinadas pela organização das palavras, pela relação estabelecida entre elas (interação e alteridade), bem como pelas diversas vozes sociais que as permeiam.

As formas do gênero, nas quais moldamos o nosso discurso, diferem substancialmente, é claro, das formas da língua no sentido de sua estabilidade e da sua coerção (normatividade) para o falante. Em linhas gerais, elas são bem mais flexíveis, plásticas e livres que as formas da língua. Também nesse sentido a diversidade dos gêneros do discurso é muito grande. Toda uma série de gêneros sumamente difundidos no cotidiano é de tal forma padronizada que a vontade discursiva individual do falante só se manifesta na escolha de um determinado gênero e ainda por cima na sua entonação expressiva (BAKHTIN, 2011, p. 283).

Percebe-se, então, que a significação é não dialógica. O sentido se constitui por meio de relações

dialógicas. Segundo Bakhtin (2011), significação comporta uma potência de sentido, aponta uma possibilidade interpretativa da palavra, não o determina. O que dá vida à palavra é o sentido que ela absorve no fluxo contínuo da vida, no contexto discursivo em que figura. O sentido de uma palavra carece de atualização permanente, que se dá a partir do contato com outro sentido e sob a forma de um determinado gênero. É por isso que a língua é plástica, porque a palavra é plástica (BATISTA, 2015). Sendo assim, esta imprime plasticidade àquela, por mais que ambas sejam confrontadas pelo caráter coercitivo do gênero em que operam.

### Considerações finais

O legado intelectual deixado pelo Círculo de Bakhtin é imensamente rico, possibilitando aos estudiosos da Análise Dialógica do Discursiva o desenvolvimento de inúmeras pesquisas, contribuindo, assim, com as mais distintas esferas da atividade, como a educação, por exemplo. Tal movimento procura não apenas corroborar as ideias pautadas pela citada teoria, mas, também, aplicá-la a diversos objetos e, na medida do possível, ampliar seu arcabouço científico.

Nesse sentido, o presente artigo buscou investigar o comportamento discursivo da palavra e sua íntima relação com o gênero em que transita, evidenciando como os a plasticidade e a coercitividade se estabelecem na contenda argumentativa. Para demonstrar como esses comportamentos e aspectos funcionam na materialidade do discurso, recorreu-se aos conceitos postulados por Bakhtin e seu Círculo, a saber, forma (material linguístico e translinguístico), situação enunciativa (quem fala? para quem? sobre o que fala? com que projeto enunciativo?), contexto de produção (aspecto extraverbal), alteridade (entre interlocutores e entre as palavras), entonação (acentos apreciativos impressos no e pelo discurso), ideologia (pontos de vista suscitados por meio do material verbal e extraverbal), reflexo/refração (o discurso reflete e refrata ideias referentes àqueles já proferidos), forças centripetas/forças centrífugas (luta ininterrupta entre a unificação e a descentralização do sentido do

discurso). Portanto, essas noções constituíram o alicerce teórico da análise desenvolvida ao longo do trabalho, uma vez que elas perpassam o interior das palavras e dos gêneros bem como determinam o sentido da comunicação discursiva.

Desse modo, as reflexões foram desenvolvidas a partir da orientação dialógica da palavra, enfatizando sua potencial mobilidade semântica. Em seguida, foram apresentadas as propriedades dos gêneros e a relativa força coercitiva que os determinam. E, posteriormente, contemplou-se a análise da arena discursiva, onde palavra e gênero se inter-relacionam e propiciam o embate entre plasticidade e coercitividade.

Reitera-se que os sujeitos empregam a língua na forma de enunciados concretos e únicos no interior de um dado campo de atividade humana. Todo sujeito se comunica (fala e escreve) por meio de gêneros, os quais, muitas vezes, precisam ser reelaborados a fim de contemplar os propósitos instituídos por uma certa esfera social.

Assim, as palavras são selecionadas segundo as especificações do gênero do discurso, uma vez que elas carregam a expressividade típica e os ecos dos gêneros dos quais fazem parte. Não se pode entender a palavra fora do gênero, pois ela reflete as formas de dizer relativamente estáveis de cada esfera da atividade social.

Convém destacar que a plasticidade da palavra está intrinsecamente relacionada com o gênero em que figura, uma vez que há gêneros mais coercitivos, que imprimem um funcionamento à palavra em que a tensão de vozes sociais é menos aparente. Ou seja, a palavra no contexto de um gênero coercitivo possui menos mobilidade semântica, é menos afetada por índices valorativos (BATISTA, 2015).

Já ao funcionar no interior de gêneros mais plásticos, mais suscetíveis à absorção de diferentes vozes sociais, a palavra se comporta como um terreno fértil, onde forças centrífugas atuam sobre ela, propiciando a constituição de distintos sentidos. Portanto, plasticidade perpassa todos os gêneros, porém ela não se estabelece de maneira absoluta, há limites impostos pelo próprio gênero, que devem ser considerados e respeitados.

Ressalta-se que as discussões apresentadas neste artigo buscam aprofundar e ampliar a pesquisa abordada na tese de doutorado desta autora, considerando que toda a investigação epistemológica, apesar de ter um acabamento estético, é sempre uma obra inacabada, passível de ser revista e/ou alargada cientificamente. Na voz de Medviédev,

É suficiente dizer que, com exceção da arte, nenhum campo da criação ideológica conhece o acabamento no sentido próprio da palavra. Fora da arte, todo acabamento, todo final, é convencional e superficial, e antes de tudo determinado por causas externas, e não pelo acabamento interno e exaurido do próprio objeto (MEDVIÉDEV, 2012, p. 194).

Como todo ato discursivo pressupõe uma resposta, espera-se que este texto suscite refrações que possam ampliar a análise aqui proposta, endossando, assim, o caráter dialógico e multifacetado da língua. No fluxo da comunicação discursiva, a voz do outro ecoa na do eu e vice-versa, revestindo-a de um colorido expressivo mais vívido. "O caráter partilhado das avaliações principais subentendidas é o tecido no qual o discurso humano vivo borda os seus desenhos entonacionais" (VOLOCHINOV, 2019c, p. 124, grifo do autor).

Ademais, as reflexões aqui pontuadas permitem, também, problematizar a evidente desvalorização do trabalho desenvolvido pelo linguista, profissional especializado no tratamento da linguagem, que infelizmente, na maioria das vezes, não é consultado quando eventos e situações de ordem linguístico-discursivas tomam vulto sociais e são abordadas pela mídia brasileira. Nota-se que a voz deste especialista tende a ser abafada e/ou apagada socialmente, mesmo sendo ele o mais profícuo portador de argumento de autoridade na área dos estudos da língua(gem). Destarte, advoga-se o reconhecimento deste profissional, tendo em vista sua real competência no que tange à orientação de metodologias eficazes que possam aprimorar a atuação docente, bem como sanar eventuais dúvidas referentes ao funcionamento concreto do discurso.

## Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e Estética*. 4. ed. Tradução de Aurora F. Bernardini et al. São Paulo: UNESP, 1998.
- BAKHTIN, Mikhail. O discurso em Dostoiévski. In: BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. 5. ed. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. 6. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BATISTA, Adriana Danielski. *A leitura da palavra e a palavra na leitura: plasticidade e sentido*. 2015. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.
- FARACO, Carlos. *Linguagem e Diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- MEDVIÉDEV, Pável. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. São Paulo: Contexto, 2012.
- PEREIRA, Rodrigo Acosta; BRAIT, Beth. Revisitando o estudo/estatuto dialógico da palavra enunciado. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, v. 20, n. 1, p. 125-141, jan./abr.2020.
- SOBRAL, Adail. *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin*. Campinas: Mercado de Letras, 2009.
- VOLOCHINOV, Valentin. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Editora 34, 2017.
- VOLOCHINOV, Valentin. Estilística do discurso literário II: A construção do enunciado. In: VOLOCHINOV, Valentin. *Palavra na vida e palavra na poesia: Ensaio, artigos, resenhas e poemas*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Américo. São Paulo: Editora 34, 2019a. p. 266-305.
- VOLOCHINOV, Valentin. Estilística do discurso literário I: O que é a linguagem/língua. In: VOLOCHINOV, Valentin. *Palavra na vida e palavra na poesia: Ensaio, artigos, resenhas e poemas*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Américo. São Paulo: Editora 34, 2019b. p. 234-265.
- VOLOCHINOV, Valentin. A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica. In: VOLOCHINOV, Valentin. *Palavra na vida e a palavra na poesia: Ensaio, artigos, resenhas e poemas*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Américo. São Paulo: Editora 34, 2019c. p. 109-146.

---

### Adriana Danielski Batista

Doutora em Letras (Linguística) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil; mestre em Letras (Linguística Aplicada) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil; professora do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Rio Grande, em Rio Grande, RS, Brasil.

---

### Endereço para correspondência

#### **Adriana Danielski Batista**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Campus Rio Grande

Rua Engenheiro Alfredo Huch, 475, prédio 7, sala 7104

Centro, 96201-460

Rio Grande, RS, Brasil